

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	2
2 - A IMPORTÂNCIA DO ANTIGO TESTAMENTO	2
3 - A CRÍTICA BÍBLICA	3
3.1. ATAQUE DIRECIONADO	3
3.2. DEFINIÇÃO DE TERMO	4
3.3. BREVE HISTÓRIA DA ALTA CRÍTICA BÍBLICA.....	4
3.4. HIPÓTESE DOCUMENTÁRIA.....	5
3.5. A VERDADEIRA CAUSA DO CONFLITO	5
3.6. O SOBRENATURALISMO	6
3.7. INFLUÊNCIAS DO EVOLUCIONISMO.....	7
4 - BÍBLIA: OBRA DIVINA OU HUMANA?	8
4.1. SUA INSPIRAÇÃO	9
4.2. A IMPORTÂNCIA DA CORRETA DOCTRINA SOBRE A INSPIRAÇÃO	12
5 - O CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO	13
5.1. A IMPORTÂNCIA DOS ROLOS DO MAR MORTO.....	14
5.2. O TRABALHO DOS COPISTAS.....	14
6 - A ARQUEOLOGIA E A BÍBLIA	15
6.1. A IMPORTÂNCIA DA ARQUEOLOGIA BÍBLICA.....	15
6.2. OS LIMITES DA ARQUEOLOGIA	16
7 - PESSOA, CIDADES E POVOS DO ANTIGO TESTAMENTO	17
7.1. PESSOAS	17
7.2. CIDADES	18
7.3. POVOS	19
7.4. OUTRAS DESCOBERTAS.....	19
8 - RESPOSTA ÀS OBJEÇÕES DOS CRÍTICOS AO ANTIGO TESTAMENTO	19
8.1. AUTORIA DO PENTATEUCO	19
8.2. COMPILAÇÃO OU REVELAÇÃO?.....	21
8.3. A DATA DO PENTATEUCO	21
8.4. A CRIAÇÃO	22
8.5. O DILÚVIO.....	23
8.6. A TORRE DE BABEL	24
8.7. OS PATRIARCAS.....	25
8.8. MONOTEÍSMO.....	26
8.9. SODOMA E GOMORRA.....	26
8.10. JOSÉ	27
8.11. MOISÉS.....	28
8.12. O ÊXODO	29
8.13. A LEI	30
8.14. A ARCA DA ALIANÇA	31
8.15. O MAR VERMELHO	31
8.16. CANAÃ	32
8.17. A RELIGIÃO DOS CANANEUS	33
8.18. AS MURALHAS DE JERICÓ.....	33
8.19. DAVI E SALOMÃO.....	34
8.20. JUÍZES, REIS E PROFETAS.....	35
8.21. PROFECIAS	36
8.22. TIPOS DE PROFECIAS.....	37
9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	39

1 - INTRODUÇÃO

Referindo-se a supostos erros da Bíblia, Agostinho colocou a questão da seguinte maneira: "Num caso desses, dever haver erro do copista, ou tradução mal feita do original, ou então sou eu mesmo que não consigo entendê-la". Essas palavras de Agostinho ditas há mais de 1.700 anos, parecem não mais surtir efeito na moderna abordagem que muitos estudiosos bíblicos fazem das Escrituras hoje em dia. A Bíblia sempre esteve sob fogo cruzado, seja no campo teológico ou no científico. O começo do milênio nos trouxe um exemplo vívido disso. Nesses primeiros anos do novo milênio assuntos referentes à Bíblia estiveram por várias vezes em manchetes nas primeiras páginas das mais importantes revistas do país. Este hábito parece ser crescente e está virando moda entre a mídia escrita. Sempre que tocam em matéria de cunho religioso voltado para a religião judaico-cristã, há uma tendência deliberada em negar os eventos históricos da Bíblia, a existência de Jesus e a veracidade da fé.

Manchetes como Deus, precisamos dEle?; Eles querem Deus na ciência; Abraão existiu?; Bíblia, o que é verdade e o que é lenda?; Jesus traído; Fé, por que e como acreditamos e outras contribuíram para avolumar a biblioteca dos céticos.

Aqui trataremos de assuntos de grande relevância para o aluno no que concerne à apologética. Examinaremos as críticas que freqüentemente são levantadas contra ao Antigo Testamento. É o Antigo Testamento um mito? Podemos encarar a maioria de suas passagens como fatos históricos ou simplesmente alegóricos? Os milagres registrados no Pentateuco realmente existiram? Consideraremos questões como a inspiração, infalibilidade, profecias e por fim uma refutação dos principais pontos polêmicos do Antigo Testamento levantados pelos críticos para diminuir o valor deste documento. Antes, porém, vamos saber qual a importância que possui o Antigo Testamento para o povo de Deus.

2 - A IMPORTÂNCIA DO ANTIGO TESTAMENTO

A palavra hebraica para Bíblia é Tanach, composta pelas consoantes T-N-Ch, que representam as três divisões das Escrituras: Torá (Pentateuco), Neviim (Profetas) e Ketuvim (Escritos). De forma genérica, costuma-se designá-la por Torá, que em hebraico significa "orientação", correspondendo à sua relação com o povo, uma orientação para a vida.

Leopold Zunz, um historiador da religião judaica do século XIX, deu, certa vez, uma caracterização muito feliz da Bíblia. Ele disse que a Bíblia tinha servido de "pátria portátil para os judeus". Uma idéia semelhante tinha sido expressa nove séculos antes pelo rabino Saádia, o Gaon (Reitor) da Ieshivá (Academia) de Sura: "Israel só é um povo graças à Torá". Esse fenômeno de uma Escritura que congrega em si a filosofia da crença religiosa, o guia de conduta moral, e que, num passado não muito remoto, abrangia e governava a totalidade da vida judaica, foi observado com admiração por Heinrich Heine, o grande poeta alemão, que declarou: "Os judeus podem consolar-se de haver perdido Jerusalém, o Templo, a Arca da Aliança, os vasos de ouro e os tesouros preciosos de Salomão. Tal perda é insignificante em comparação à Bíblia – o tesouro imperecível que salvaram. Se não me engano, foi Maomé quem denominou os judeus de 'O Povo do Livro' – nome que conservaram até o dia de hoje e que é profundamente característico. Esse livro é a sua pátria, seu tesouro, seu governante, sua felicidade e sua maldição. Vivem dentro dos limites pacíficos desse livro. Exercem ali seus poderes inalienáveis. Ali não podem ser espezinhados e nem desprezados". Sem a Bíblia seria impossível imaginar como os judeus poderiam ter sobrevivido como povo distinto ou como comunidade religiosa durante tantos séculos e através de tantas vicissitudes".

A essa Bíblia judaica nós chamamos de Antigo Testamento. A palavra "testamento" é de origem grega, diatheke e significa aliança, concerto ou testamento. O primeiro a aplicar o nome "Antigo Testamento" às Escrituras hebraicas foi Tertuliano.

Se tomarmos por certo que o Deus verdadeiro é um Deus imanente, presume-se que essa imanência não é passiva, mas comunicativa. Deus é um Deus que se comunica. O Antigo Testamento pode ser tomado como a voz de Deus. É Deus incessantemente se relacionando dentro do espaço-tempo com suas criaturas, é o princípio desta voz através de seus servos e profetas.

Contextualmente, este livro foi dado a um povo, a descendência de Abraão. Embora, secundariamente, suas promessas podem se estender a toda a humanidade, ele foi destinado precisamente aos Filhos de Israel. Toda a razão da existência do povo judeu depende deste Concerto, depende deste livro. Há três pensamentos básicos que permeiam todo o Antigo Testamento:

- A promessa de Deus a Abraão;
- O concerto de Deus com a descendência abraâmica;
- A promessa de Deus a Davi.

Entretanto, ao lermos as páginas desse livro, percebemos que esta voz tem uma direção certa. Há toda uma preparação que culmina para um só evento – a chegada do Messias.

Todas as profecias, cerimônias e rituais apontam inequivocadamente para a vinda de Cristo e sua obra, e isto desde Gênesis a Malaquias. Os escritores do Novo Testamento constantemente testificavam desta verdade ratificando as palavras do Antigo Testamento. Há uma gama enorme de textos do Antigo Testamento nos escritos neotestamentários.

Pelo próprio teor de todas essas promessas há de se deduzir que os escritores queriam transmitir não contos míticos, mas uma história verdadeira. Não há um só vestígio no Antigo Testamento mostrando que essa literatura seja não-histórica. Cada página mostra que seus autores escreveram com propósitos de persuasão. Seria difícil e até impossível persuadir uma nação inteira de sua identidade ideológica com contos inverídicos! Quem iria morrer em batalhas sangrentas, muitas vezes em desvantagem militar do ponto de vista qualitativo e quantitativo, em prol de invenções? E o pior, se considerarmos a ignorância da nação sobre tais dados fictícios, mesmo assim seria difícil de acreditar que homens piedosos inventariam tais coisas sabendo que seu povo poderia ser dizimado defendendo ardentemente a crença em meras lendas que eles mesmos inventaram! Definitivamente, esse estereótipo, como muitas vezes é passado, não reflete o caráter dos escritores do Antigo Testamento. Daremos em seguida, para título de conhecimento, um breve resumo da estrutura dos livros do Antigo Testamento.

3 - A CRÍTICA BÍBLICA

3.1. Ataque Direcionado

Desde que Moisés escreveu “No princípio criou Deus...” a desejada derrocada que se espera dos oráculos divinos está posta, por assim dizer, no inconsciente coletivo da humanidade. Deixe-me explicar: urge memorar que o diabo sempre tentou desacreditar e até mesmo destruir a Palavra de Deus. Seu intento não acabou, ele apenas mudou de tática. Hodiernamente ele trabalha não mais com a fogueira, mas usa métodos refinados com os quais a nossa moderna mente científica se apraz em aceitar sem contestação. Vivendo em uma época ímpar da história, nosso ambiente relativista propicia que a palavra final da verdade seja dada não mais por um ser que não podemos ver, tocar ou cheirar, um ser que escapa à verificação de nossas pesquisas científicas, mas aos dados materialistas de nosso século XXI. Sendo assim, qualquer coisa que se relacione a este ser é impiedosamente colocada sob suspeita. Tendo em vista que a herança e as promessas espirituais do cristão encontram seu embrião dentro dessa herança literária primitiva chamada “Antigo Testamento”, é de suma importância defendermos tanto uma como a outra dos ataques do maligno.

3.2. Definição de Termo

A palavra crítica vem do grego kritiké, do feminino kritikós. Denota basicamente dois conceitos: um positivo, como juízo crítico, discernimento, critério, discussão dos fatos históricos, apreciação minuciosa; e outro, negativo, ato de criticar, de censurar, condenação, julgamento ou apreciação desfavorável.

Há ainda um terceiro que é a arte ou faculdade de examinar e/ou julgar as obras do espírito, em particular as de caráter literário ou artístico. Este último processo que constitui o foco de nosso exame iniciou-se no Renascimento, e firmou-se no final do século XVIII. Mas a crítica em si, como ato reflexivo, remonta aos gregos. Platão refletiu, de maneira geral e assistemática, sobre o problema da arte e da literatura. Aristóteles, com a Poética e a Retórica, estabeleceu as bases da crítica literária e o modelo do método objetivo, indutivo, para apreciação do fenômeno literário.

Explicar, interpretar, criticar a literatura é, assim, buscar as condições que determinaram sua gênese, seja no íntimo da personalidade criadora, seja nos fatores ambientais geográficos, raciais ou sociais.

Embora o termo com suas implicações modernas tenha tomado um sentido pejorativo, chegando a ser sinônimo de ceticismo, devido a certos críticos e suas teorias que procuram desacreditar as Escrituras, não devemos, todavia, associá-la somente a esta classe. Mesmo porque ela, sem dúvida, é de alto interesse e valor para qualquer estudante de teologia.

Indo mais longe diríamos que é até mesmo necessária à Bíblia. Serve para emitir um julgamento imparcial mediante observações e estudos da história e o estado atual do texto original das Escrituras, aumentando com isso seu valor e confiabilidade. Esse é o conceito positivo de que se ocupa a palavra crítica aplicada ao estudo sistemático da literatura secular ou bíblica.

Em sua aplicação ao texto bíblico pode ser dividida em dois grandes grupos:

A. Crítica Textual ou Baixa Crítica. Dá-se o nome de crítica textual à técnica filológica aplicada à reconstituição dos textos originais das obras literárias, que se desenvolveu, sobretudo a partir do estabelecimento dos textos de clássicos antigos e da Bíblia. Ocupa-se mais com a natureza verbal e histórica confinada a vocábulos e suas colocações conforme aparecem nos textos bíblicos e seus manuscritos. Na prática, sua preocupação principal é restaurar o texto original na base das cópias que chegaram até nós provendo a correta leitura e interpretação do texto.

B. Alta Crítica. Método literário de interpretação das Sagradas Escrituras que tem por objetivo determinar a autoria, data e circunstância em que foram compostos os santos livros. Este método verifica também as fontes literárias e a confiabilidade histórica da Bíblia. Ela consiste em extrair dos textos resultados, a partir de um enfoque sobre a natureza, o método e conexão do contexto, das circunstâncias conhecidas dos escritores bíblicos, o assunto dos argumentos dos diferentes livros sagrados. Ela se ocupa com a nobre tarefa de examinar a integridade, autenticidade e credibilidade dos escritos que compõem o Livro Sagrado. O "alto crítico" procura saber a origem, o autor e como ele compôs o livro. Tudo isso deveria salutarmente ser aplicado às Escrituras. Quando alguém pergunta quando, quem e por que o Velho ou o Novo Testamento foi escrito, está na realidade, fazendo uma alta crítica da Bíblia.

Enquanto a primeira lida com o texto determinando o que o original dizia; a última trata com a fonte do texto tentando descobrir quem disse, quando, onde e por que foi dito. Mas em ambas as divisões da crítica o questionamento é a característica predominante. O método é sempre o mesmo: perguntar.

3.3. Breve História da Alta Crítica Bíblica

Embora, como já vimos, um tipo primitivo de crítica, bem antes de Cristo, tenha sido aplicada à investigação literária, contudo, J. G. Eichhorn, um alemão do século XVIII, foi o primeiro a aplicá-la ao estudo da Bíblia. Por isso ele é chamado de o "pai da crítica do